



Análise

**ETF It Now S&P 500 Futures
Quanto BRL**

SPXR11

Produzido por SIMPLA CLUB

Thiago Armentano

Conheça nossos serviços



Se você tem mais de R\$100 mil e deseja uma reunião gratuita com nossos especialistas, **escaneie o QR CODE** ou **clique aqui**.



Estratégia de Investimento do Fundo

O **ETF IT Now S&P 500 Futures Quanto BRL** é um veículo estrutural listado na B3 projetado para oferecer exposição ao mercado acionário norte-americano sem a volatilidade cambial do dólar. Diferentemente dos ETFs de replicação física, o fundo tem como mandato rastrear o *S&P 500 Futures Quanto USD-BRL Currency Adjusted Index* por meio do uso de derivativos, operando contratos futuros E-mini S&P 500 trimestrais negociados na própria bolsa brasileira.

Essa arquitetura sintética embute um *hedge* cambial, eliminando o risco direcional da flutuação da paridade USD/BRL e garantindo que o investidor capture o retorno puro do mercado acionário americano. Como a alocação é feita via contratos futuros, apenas uma fração do patrimônio é exigida como margem de garantia, enquanto o caixa remanescente permanece aplicado em instrumentos de renda fixa no mercado local.

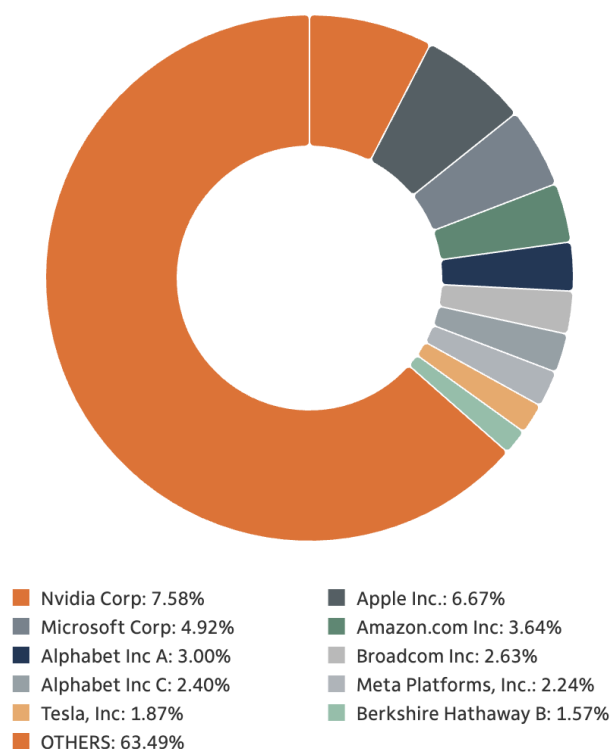
Essa dinâmica confere ao SPXR11 uma vantagem estratégica: além da variação do S&P 500, o fundo captura o prêmio do diferencial de juros entre Brasil e Estados Unidos. Na prática, a performance consolida o retorno do principal índice de ações do mundo somado à taxa de juros brasileira, descontada a taxa de juros americana já implícita na precificação do contrato futuro.

A metodologia "Quanto", que isola o ativo de sua moeda de origem, permite que o investidor acesse superciclos corporativos globais — historicamente dominados por ações de crescimento (*Growth*) e mega capitalizações de tecnologia — sem sofrer penalidades de marcação a mercado em cenários de forte apreciação do real.

No âmbito de sua mecânica operacional e critérios técnicos, o SPXR11 destaca-se por internalizar uma operação institucional complexa de *hedge* e rolagem de derivativos a um custo acessível, com uma taxa de

administração de 0,25% ao ano. A gestão é estritamente passiva, mas a replicação exige regras precisas. Para manter a exposição, o fundo realiza a rolagem trimestral dos contratos E-mini S&P 500 para o vencimento mais próximo utilizando uma janela de transição de três dias, mitigando custos de impacto de mercado e eventuais distorções na curva de juros.

Além disso, ao adotar o formato sintético baseando-se em futuros, a metodologia não impõe limites artificiais de alocação (*capping*) ao índice americano. A exposição indireta aos ativos flutua livremente conforme a capitalização de mercado das empresas subjacentes. Com isso, a liderança das gigantes absolutas de *hardware*, infraestrutura em nuvem e inteligência artificial (Apple, Microsoft, NVIDIA) continua ditando a espinha dorsal do retorno da carteira.



Distribuição percentual por peso do SPXR11.

Fonte: www.itnow.com.br/spxr11/

Em conjunto, a estratégia do SPXR11 traduz-se em uma tese dupla. Para o processo de alocação de longo prazo, o veículo não entrega a dolarização

estrutural do capital, mas atua como um passaporte puramente focado no crescimento de lucros das companhias que dominam as cadeias produtivas globais, ancorado simultaneamente no prêmio de carregamento (*carry*) gerado pelos juros locais.

Gestora do Fundo

A Itaú Asset Management, instituição responsável pela gestão do SPXR11 por meio da família de fundos It Now, é a gestora privada com o maior volume de ativos sob administração (AUM) no mercado brasileiro e atua como uma das principais e mais antigas emissoras de ETFs na B3.

Com um papel importante no desenvolvimento da indústria de gestão passiva no país, a instituição ajudou a consolidar o uso de fundos de índice como ferramentas padrão de alocação, operando sob uma estrutura de governança institucional rigorosa e mantendo a necessária segregação de funções em relação às operações de crédito e tesouraria do conglomerado Itaú Unibanco.

Ao estruturar veículos listados em bolsa, a gestora utiliza uma infraestrutura de negociação, risco e liquidação institucional que possui, traduzindo ganhos de escala em eficiência de custos. O foco técnico da marca It Now consiste em replicar índices de referência com o menor *tracking error* (desvio de aderência) possível, permitindo que as taxas de administração sejam comprimidas frente à indústria tradicional de fundos de gestão ativa.

Dessa forma, a instituição atende desde investidores pessoas físicas até gestores de patrimônio e alocadores institucionais, oferecendo ETFs que funcionam como *building blocks* — blocos modulares para a construção de portfólios diversificados e teses macroeconômicas.

No caso específico do SPXR11, a complexidade da estratégia é totalmente internalizada pela equipe de gestão. A Itaú Asset absorve a

operacionalização técnica da rolagem trimestral dos derivativos (os futuros E-mini do S&P 500) e a manutenção contínua do *hedge* cambial sintético, empacotando essa dinâmica em uma taxa de administração de 0,25% ao ano.

Para assegurar a viabilidade desse acesso ao investidor final, o veículo conta ainda com a atuação de formadores de mercado (*market makers*) contratados, que garantem a oferta de liquidez diária e a correta arbitragem de preços no mercado secundário da B3, alinhando o valor da cota ao valor justo dos ativos subjacentes.

Riscos da Tese

Investir no SPXR11 oferece uma alocação estrutural ancorada na elite da economia americana, mas é crucial mapear que a tese carrega profundos riscos de concentração de mercado e sensibilidade a choques sistêmicos globais. O principal vetor de risco de curto e médio prazo é a forte dependência do desempenho de um grupo restrito de megaempresas e a correlação direta com os ciclos macroeconômicos dos EUA.

Em cenários de contração econômica, recessão ou reprecificação de prêmios de risco, o fundo absorve o impacto integral do mercado acionário americano sem qualquer mecanismo de proteção contra quedas. Diferente de estratégias focadas em fatores defensivos ou ativos de alto *dividend yield*, o índice S&P 500 possui alta exposição a ativos de crescimento (*Growth*) no topo de sua composição, cujos valuations são severamente penalizados em ambientes de juros altos prolongados, gerando forte volatilidade e pressão vendedora nas cotações.

Outro ponto de atenção crítico é o risco da falsa percepção de diversificação extrema e o substancial peso da concentração de capital. Como a metodologia do índice é estritamente ponderada por valor de

mercado, o SPXR11 aloca a maior parte de sua exposição teórica nas gigantes de tecnologia.

Em mercados de baixa desencadeados por rotações setoriais ou desaceleração em inovações disruptivas (como Inteligência Artificial e semicondutores), o fundo tende a sofrer quedas abruptas, uma vez que as companhias tradicionais na base do portfólio não possuem peso matemático suficiente para amortecer o impacto.

Dentro do escopo operacional e fundamentalista, o portfólio concentra riscos dicotômicos. No topo da carteira teórica, os líderes de Tecnologia e Serviços de Comunicação enfrentam constantes ameaças regulatórias (ações antitruste globais) e a pressão mercadológica para sustentar projeções de lucros agressivas. Por outro lado, na sua base estrutural, a arquitetura sintética expõe o investidor a riscos de derivativos e eventuais distorções no *roll yield* da rolagem de contratos futuros listados na B3.

Além disso, a rentabilidade do veículo está atrelada ao diferencial de juros entre Brasil e EUA. Um cenário macroeconômico de cortes bruscos na taxa Selic, acompanhado pela manutenção de juros altos pelo Federal Reserve, pode comprimir severamente o prêmio de carregio que turbina a cota do ETF.

Do ponto de vista de eficiência de capitalização para o alocador global focado em estratégias de *buy-and-hold*, há uma fricção cambial e jurisdicional a ser considerada. Diferente de veículos de acumulação sediados em jurisdições neutras ou corretoras offshore que dolarizam o patrimônio na essência, o SPXR11 é domiciliado no Brasil e anula completamente a exposição à variação do dólar frente ao real.

Isso suprime a volatilidade do câmbio na cota, mas expõe o investidor à perda do "amortecedor estrutural" em momentos de crise – isto é, em cenários de desvalorização aguda do Real ou de risco-país elevado, o

investidor não se beneficiará da proteção direcional de uma moeda forte. Adicionalmente, por ser um fundo local, a carteira evita o oneroso imposto de herança americano (*Estate Tax*), porém mantém o patrimônio submetido ao risco jurisdicional do Brasil e à incidência de 15% de imposto de renda sobre o ganho de capital na alienação.

Teses Semelhantes

A construção de um portfólio frequentemente se apoia em fundos de índice amplos para mitigar o risco específico de cada companhia e capturar o prêmio de risco macroeconômico do mercado acionário americano. Embora o SPXR11 seja um veículo tático para essa finalidade no Brasil, o mercado financeiro oferece outras alternativas que atendem ao mesmo objetivo estrutural corporativo, porém com exposições cambiais distintas.

Nesse cenário, teses semelhantes como o IVVB11 (iShares S&P 500 FI em Cotas) e o VOO (Vanguard S&P 500 ETF) dividem o protagonismo da alocação. Na prática, esses três fundos desempenham papéis virtualmente idênticos na carteira no que tange à exposição ao risco de *equity* (ações), entregando acesso direto à resiliência das 500 maiores empresas da economia americana. Contudo, as diferenças metodológicas na estrutura cambial (*hedge*) e no domicílio do fundo alteram a volatilidade final da carteira e o perfil de proteção do investidor.

O SPXR11, que acompanha o S&P 500 de forma sintética (Futures Quanto BRL), adota a postura de alocação com proteção cambial, utilizando derivativos e a taxa Selic para neutralizar a flutuação do dólar. Essa estrutura o torna um ativo para o investidor que deseja comprar exclusivamente o "crescimento corporativo americano", isolando o prêmio das companhias e capturando o diferencial de juros locais, sem sofrer a marcação a mercado gerada pelas fortes oscilações da paridade USD/BRL.

O IVVB11 e o VOO oferecem recortes cambiais diretos da mesma economia. O IVVB11 espelha o *S&P 500* em reais, sendo o concorrente direto da iShares na B3 para a dolarização passiva de portfólios locais. Já o VOO acompanha o mesmo *S&P 500 Index*, mas atuando como o *benchmark* institucional definitivo domiciliado nos Estados Unidos, exigindo a remessa internacional de capital.

A diferença estrutural entre o IVVB11 e o VOO em relação ao SPXR11 não reside na seleção de empresas — uma vez que todos estão submetidos ao mesmo comitê de lucratividade e liquidez da Standard & Poor's —, mas sim na mecânica cambial e nos filtros jurisdicionais:

IVVB11 (iShares): Funciona como a via de dolarização na bolsa brasileira. A diferença básica para o SPXR11 é a ausência de *hedge*: o IVVB11 repassa integralmente a variação do dólar contra o real à sua cota. O fundo adquire cotas do ETF IVV no exterior (estrutura *feeder fund*), garantindo que o investidor brasileiro capture tanto o ciclo de expansão das companhias americanas quanto a proteção de seu poder de compra em moeda forte (Dólar), ao custo de uma volatilidade direcional cambial significativamente maior.

VOO (Vanguard): Exclui por completo o risco de jurisdição do mercado brasileiro. O diferencial metodológico crítico aqui é o *Situs* (domicílio): o investidor detém o ativo diretamente no mercado financeiro americano. Ao descartar os "envelopes" (BDRs de ETFs ou fundos locais da B3), o investidor elimina a dupla camada de taxas de administração, mas sacrifica a simplicidade operacional, assumindo o ônus da complexidade tributária americana — como a fricção dos custos de remessa cambial (*Spread*/IOF) e a severa exposição ao imposto de herança (*Estate Tax*) sobre o patrimônio que exceder US\$ 60.000 — essa última pode ser mitigada com a utilização de ETFs UCITS como o VUAA.

Na prática, SPXR11, IVVB11 e VOO funcionam como alocações macroeconômicas idênticas no fator ações. Como as mega empresas de tecnologia concentram a maior parte do capital em todos esses fundos, o impacto do ciclo de inovações disruptivas e dos balanços corporativos é matematicamente o mesmo.

A escolha entre as teses resume-se a uma decisão de escopo cambial e estrutural: o SPXR11 ancora-se na neutralidade da moeda e no carregamento de juros do Brasil; o IVVB11 democratiza a dolarização passiva do patrimônio com a conveniência da B3; enquanto o VOO garante a proteção patrimonial definitiva através da descentralização geográfica e acumulação estrita em moeda forte no exterior.

Opinião do Analista sobre a Tese de Investimento

O SPXR11 oferece uma exposição eficiente à elite do mercado acionário americano, englobando as 500 maiores corporações que ditam os rumos da economia global. Essa estrutura de alocação, operada via derivativos, permite ao investidor brasileiro ancorar o portfólio na resiliência histórica e na capacidade de inovação dos Estados Unidos, capturando de forma direcional o poder dos lucros corporativos somado ao prêmio de carregamento da taxa de juros local (Selic), tudo através de uma estratégia passiva.

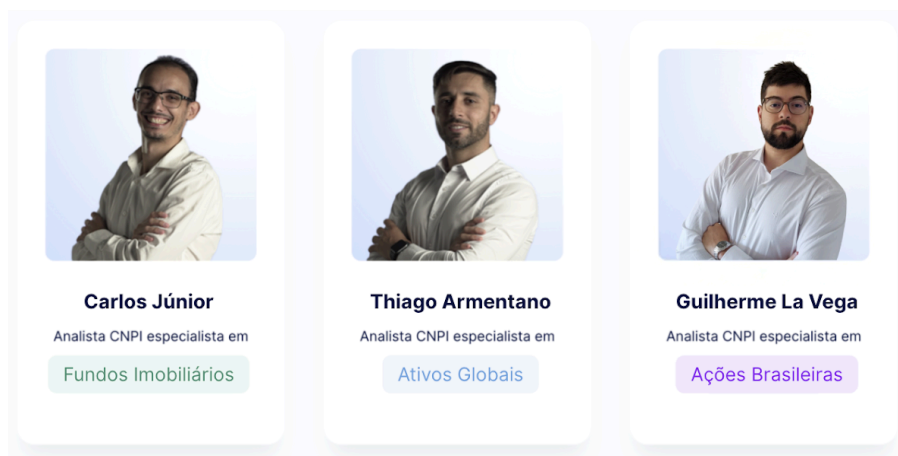
No entanto, é fundamental que o investidor compreenda a concentração estrutural e a dupla sensibilidade sistêmica embutidas neste veículo. O SPXR11 apresenta uma dinâmica de precificação ligada simultaneamente aos ciclos econômicos americanos e à política monetária brasileira; em cenários de recessão ou contração generalizada de múltiplos nos EUA, o fundo não possui mecanismos de defesa tática e absorve integralmente as quedas (*drawdowns*). A isso, soma-se o fato de que a proteção cambial (*hedge*) elimina o amortecedor natural da carteira — o investidor não se

beneficiará da tradicional disparada do dólar que costuma ocorrer durante crises globais ou instabilidades locais.

Além disso, devido à ponderação por valor de mercado, o ETF carrega um risco de concentração substancial nas gigantes de tecnologia, o que gera grande volatilidade em períodos de rotação setorial. Apesar da ausência de proteção contra mercados de baixa e do sacrifício da dolarização cambial, consideramos que a eficiência na captura do prêmio corporativo americano, aliada ao carregamento dos juros brasileiros, justifica a tese para perfis específicos de alocação.

Por este motivo, recomendamos a compra do ETF SPXR11 como um módulo estratégico ou tático na parcela de renda variável, sendo o veículo ideal para o investidor que deseja capturar o hiper crescimento das empresas dos EUA, mas faz questão de isolar e neutralizar a volatilidade do câmbio em sua carteira.

Equipe



Acompanhamento

relatório atualizado em 18.09.2026

Nossa equipe de analistas está atenta a todas as movimentações relevantes, mantendo os rankings e seus respectivos fundamentos atualizados todas as semanas. Em caso de grandes mudanças, os relatórios também podem ser atualizados. Já em caso do ativo receber recomendação de venda, nossa sugestão se refere, única e exclusivamente, à retirada do ativo da carteira do investidor, uma vez que não incentivamos a prática de venda à descoberto.

Disclaimer

Todas as análises aqui apresentadas foram elaboradas pelo analista de valores mobiliários autônomo Thiago Affonso Armentano - CNPI EM-8454, com objetivo de orientar e auxiliar o investidor em suas decisões de investimento; portanto, o material não se constitui em oferta de compra e venda de nenhum título ou valor imobiliário contido. O investidor será responsável, de forma exclusiva, pelas suas decisões de investimento e estratégias financeiras. O relatório contém informações que atendem a diversos perfis de investimento, sendo o investidor responsável por verificar e atentar para as informações próprias ao seu perfil de investimento, uma vez que as informações constantes deste material não são adequadas para todos os investidores. Os analistas responsáveis pela elaboração deste relatório declaram, nos termos da Resolução CVM nº 20/2021, que as recomendações do relatório de análise refletem única e exclusivamente as suas opiniões pessoais e foram elaboradas de forma independente, inclusive em relação à pessoa jurídica à qual estão vinculados. Além disso, Os analistas de valores mobiliários envolvidos na elaboração do relatório (e/ou seus cônjuges ou companheiros) são, ou podem ser, titulares de valores mobiliários objeto do relatório, direta ou indiretamente, em nome próprio ou de terceiros. Na emissão deste relatório, a Simpla Invest, controladora do Simpla Club, poderá estar agindo em conflito de interesses em relação ao emissor, podendo (i) ter interesses financeiros e/ou comerciais relevantes e/ou (ii) estar envolvida na aquisição, alienação ou intermediação dos valores mobiliários objeto deste relatório. A elaboração desse material se deu de maneira independente, e o conteúdo nele divulgado não pode ser copiado, reproduzido ou distribuído, no todo ou em parte, a terceiros, sem autorização prévia.

